

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A CAVALARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Maj Cav (QEME)  
CEZAR MARQUES DA ROCHA

Na ocasião em que se planeja a reorganização do Exército, torna-se oportuno tecer algumas considerações sobre a situação atual e o futuro da Arma de Cavalaria.

Dos 6 tipos de Cavalaria: hipomóvel, motorizada, mecanizada, blindada, aeroterrestre e aérea, possuímos as 4 primeiras, a 5ª está no papel e a 6ª inexistente, e, dentre todas, a hipomóvel ainda fornece o maior contingente.

Examinemos ligeiramente a situação atual de cada uma delas:

## 1. Hipomóvel

A remonta é difícil, onerosa, o equipamento e o armamento estão obsoletos. Devido a certas deficiências os exercícios são de pequeno alcance, a instrução cai na rotina.

Com a progressiva motorização da Infantaria e das Armas de Apoio, perde a Hipo a possibilidade de atuar em proveito do conjunto, tendendo a ser relegada a emprego secundário em regiões — já muito poucas — onde a faixa de asfalto ainda não chegou.

No consenso geral já devia ter sido extinta, juntamente com outra parte de uma Arma de Apoio, embora surjam defensores, particularmente dentro da Arma, de que é a única capaz de, por suas características, criar no soldado o espírito agressivo, o hábito de decidir com rapidez, enfim o decidir com presteza e eficiência.

Por outro lado, o cavalarião que conhece sua montada, sabe como empregá-la, utiliza bem o armamento e conhece a tática de sua Arma, julga precipitada sua extinção. De modo geral, desde que tenha montadas em bom estado, o chefe está capacitado, com pequenos gastos, a realizar exercícios, marchas, etc.

Poderá, com grandes resultados, ser empregada no sul mato-grossense, e ao norte do rio Ibicuy, no Rio Grande do Sul.

Concretizada a idéia de sua extinção progressiva, até o máximo de 1 Brigada, as subunidades seriam motorizadas em uma fase inicial, até atingir estágio mais avançado de reequipamento.

## 2. Motorizada

A Cavalaria Motorizada de pequena expressão no conjunto da Arma, é praticamente uma tropa de Infantaria Motorizada, com menor efetivo e menos armada.

Não permite, por sua organização, a criação e a manutenção do espírito arrojado do cavalariano, pois não há possibilidades de realizar exercícios de equitação, tais como saltos em pistas e no exterior, cargas em grandes velocidades, capazes de desenvolver os atributos básicos ao soldado de cavalaria para cumprir as árduas missões da Arma.

Nossos melhores votos para que, em curto prazo, seja modificada e reequipada.

## 3. Mecanizada

No momento, até o nome expressa mal as características das Unidades e Subunidades que a constituem:

"Reconhecimento Mecanizado", tradução servil de outro Exército, e também errônea, pois não realiza somente uma das missões específicas da Arma — o Reconhecimento!

Fossil ponderável número de Unidades, dotadas de material heterogêneo e não realiza, particularmente devido às deficiências do equipamento de Comunicações, as ligações com sua irmã aérea, a aviação tática.

Os Quadros que nela servem ressentem-se de melhor preparo técnico em sua formação, necessitando normalmente de estágios para poder explorar com um mínimo de eficiência, o material via de regra importado e caro.



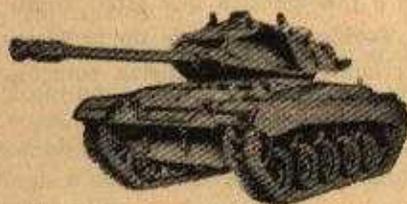
Saudamos com júbilo o recebimento dos primeiros carros blindados de fabricação nacional e a chegada à tropa das viaturas 6 x 6, de concepção e fabricação, totalmente, brasileiras.

Permite a cavalaria mecanizada a manutenção do espírito da Arma, através dos grandes deslocamentos, e de exercícios em terrenos difíceis e acidentados mas sofre, em permanência, a limitação de verbas para realizar a manutenção, exercícios e marchas.

A denominação de suas unidades felizmente foi corrigida para "cavalaria mecanizada" em vez de "Regimento ou Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado."

Para atender às necessidades de uma GU de Infantaria, impõe-se o aumento de Esquadrão para Regimento a 3 esquadrões.

#### 4. Blindada



Legítima e única herdeira das tradições da Arma imortalizada nas invasões mongólicas, na epopéia napoleônica, na luta da secessão e na nossa guerra do Paraguai, capaz de atacar em cargas potentes e profundas, de atuar nos flancos e na retaguarda do dispositivo inimigo, realizando ações estratégicas,

demonstrou, nas mãos de chefes competentes, ser a arma da decisão, a partir de 1940.

Infelizmente, ainda, são poucos seus grandes chefes e por isso citamos somente, entre outros, Guderian, Rommel, Patton, alguns marechais russos...

A tendência atual, apresentada por exércitos que aboliram a Arma de Cavalaria, é dissolvê-la no seio das DI, voltando aos carros de acompanhamento, política que tão maus resultados apresentou na França em 1940.

As nossas unidades blindadas são poucas e padecem dos males da heterogeneidade do material, todo adquirido no estrangeiro, da sua dispersão territorial e de outros examinados quando do esboço da cavalaria mecanizada.

Impõe-se a manutenção de grandes unidades Blindadas que, apoiadas pela Aviação, por helicópteros e reforçada por Infantaria Mecanizada ou Motorizada, coloque nas mãos do chefe o poder da decisão final!

## 5. Aeroterrestre

Devia haver na nossa GUAet, a subunidade de cavalaria — o Esqd Cav Aet.

Existe no papel e na mente dos cavalarianos que, naquela organização, servem em funções de EM e QSG.

Para sua concretização, basta o fornecimento do material — inicialmente Jipes de fabricação nacional — e a mensagem a Garcia: organizar o Esqd ou, no mínimo e como núcleo, o Pelotão.

Eventuais e momentâneas dificuldades não devem privar aquela importante GU de seu elemento de cavalaria.

## 6. Cavalaria Aérea

Desconhecemos os estudos e providências que estão sendo realizadas neste setor, no entanto, devido à magnitude do problema, nos cérebros de centenas de cavalarianos, fervilham idéias, soluções, possibilidades.

Contra a idéia de concretizá-la temos tudo: a falta de conhecimento real sobre suas possibilidades, a falta de verbas, o desejo de outras armas, e pior de tudo — um certo indiferentismo pela solução.

Dispomos no entanto dos exemplos de outras nações: EUA com a demonstração prática atual no Vietnã, a Rússia com grande emprego dos elementos dotados de helicópteros, a Inglaterra e a França com suas tropas de emprego estratégico, Israel no deserto de Sinaí, e os nossos irmãos Fuzileiros Navais, na Ilha do Governador.

Examinemos a possibilidade da criação da cavalaria Aérea no Exército nacional.

### a — Necessidade de sua criação

É certo que nos conflitos futuros a guerra será tridimensional, e o Exército não deve e não pode ficar restrito ao emprego no solo.

Cavalaria não é equipamento existente no momento, é "missão a cumprir", assim, deve continuar a ser mais rápida que as demais armas terrestres, o que no momento não acontece, pois carros de combate, TBP, Art AP têm a mesma mobilidade.

Acresce que na guerra moderna a vulnerabilidade é diminuída pela dispersão e pela velocidade, principalmente por esta última.

## b — Material a ser empregado

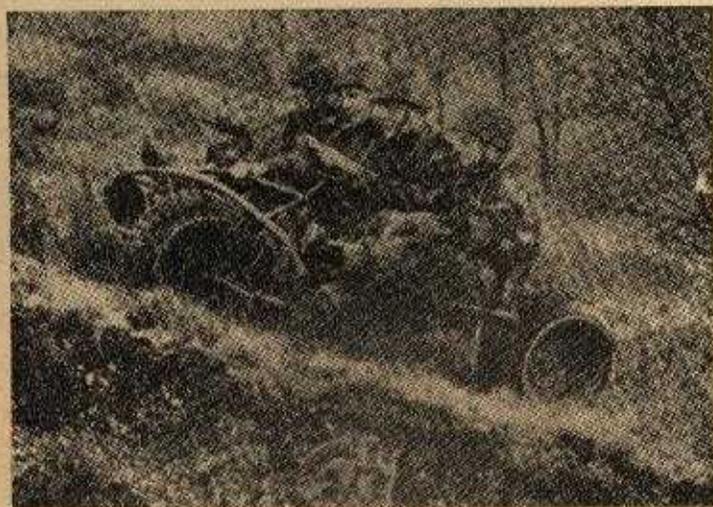


Para emprêgo acima do solo — material compatível com a cavalaria — existem no momento três veículos:

- Avião de decolagem e aterrissagem verticais
- Aerodeslizador
- Helicóptero.

## 1) Avião de decolagem e aterrissagem verticais

Veículo em estudo em tôdas as nações altamente industrializadas, só a Inglaterra possui, no momento, uma aeronave operacional, o HAWKER SIDDELEY P 1127, HARRIER, caça de apoio à tropa terrestre, que aterrissa em círculo de 15 m de diâmetro e decola em espaço de 60 a 90 m.



A grande velocidade que desenvolve, o custo de fabricação, o preparo que exige do piloto, indicam o avião como impróprio ao emprêgo pela cavalaria, e mais adequado ao emprêgo como caça.

## 2) Aerodeslizador

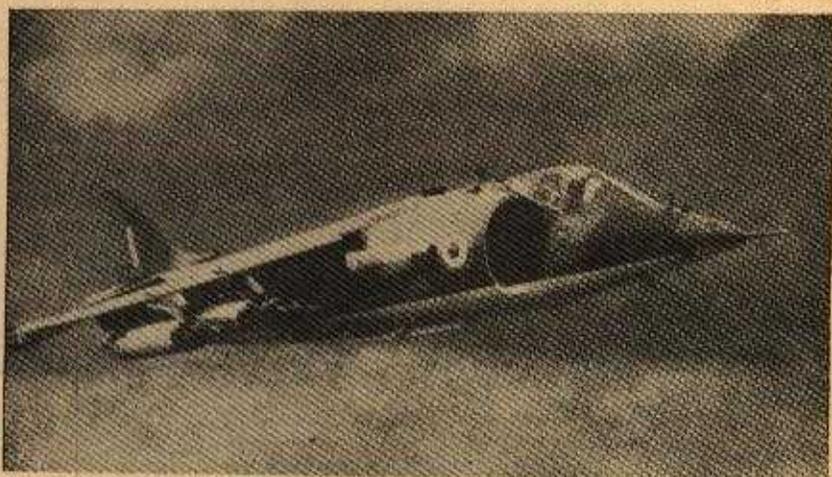
A Inglaterra parece estar mais adiantada no desenvolvimento desse magnífico veículo. No elemento líquido já provou sua eficiência como equipamento de combate, no mar, em rios, terrenos pantanosos, inclusive vencendo corredeiras.

Em terra, as elevações, os obstáculos de altura superior a 1 metro, o grande raio de curva, dificultam, no momento, a possibilidade de adoção pela cavalaria aérea. Oferece, a médio prazo, futuro promissor, principalmente para os Fuzileiros Navais e tropas de desembarque.

## 3) Helicóptero

É o veículo mais adequado e mais experimentado, atualmente, para equipar a cavalaria aérea.

Está em contínuo e rápido processo de aperfeiçoamento, em raio de ação, velocidade, armamento, blindagem, modelo, tipo de motor e em dimensões.



É empregado no Brasil pela Aeronáutica, Marinha e organizações civis, com difusão relativamente rápida.

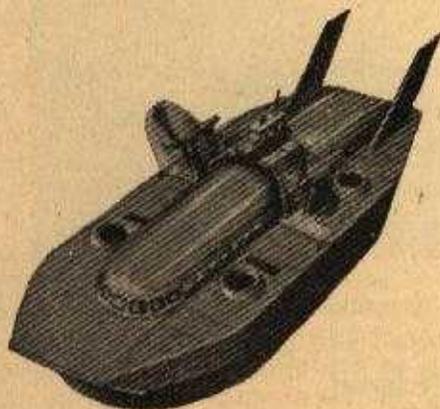
Graças ao magnífico trabalho do Centro Técnico de Aeronáutica em São José dos Campos, SP, que procura implantar indústria aeronáutica brasileira, poderemos ter em breve helicópteros nacionais.

Oferece o helicóptero vantagens sobre os outros veículos: é manobrável, rústico, podendo passar rapidamente da imobilidade à velocidade acima de 50 m/s, pode ser dirigido a pequena e média alturas e possui capacidade de combate ar-ar, ar-terra e ar-mar.

Seriam necessários poucos tipos para equipar a nossa Cav AE: helicóptero de comando, de transporte e de combate.

A gama de armamento que pode equipar um helicóptero é grande:

- Metralhadora de 7,62 a 12,5 mm, simples, duplas ou quádruplas;
- Canhões automáticos de 20 a 30 mm;
- Lançadores de granadas com alcance até 1.500m;
- Lançadores de foguetes;
- Mísseis AC teledirigidos (até 3.500 m);



c — Missões a serem cumpridas pela Cavalaria Aérea

- Transporte de chefes, oficiais de EM, de ligação, etc;
- Escolta armada;
- Reconhecimentos à frente de colunas mecanizadas e blindadas;
- Segurança de flancos;
- Vigilância aérea complementando a ação da aviação de caça;
- Localização de alvos em proveito da GU;
- Fogos defensivos e ofensivos em proveito da tropa terrestre;
- Fotografia aérea — complemento à aviação de Reconhecimento;
- Transporte de veículos e armamento leves sôbre cortes de terreno (eventual).

d — Efetivo e organização da Unidade a ser criada

Pais pobre, embora de promissor futuro, obriga à manutenção de um Exército modesto, daí a criação de 1 Esqd Cav Ae, com efetivo normal de um esquadrão terrestre, cêrca de 160 homens.

A extinção de 1 Esqd Hipo possibilitaria a obtenção do pessoal necessário, sem aumento de efetivos.

Os pilotos, dentro da atual política seguida pelas Forças Armadas, seriam fornecidos pela FAB que manteria controles disciplinar e de manutenção; o operacional ficaria a cargo do Cmt do Esqd.

O Estado-Maior seria conjunto.

A nova unidade seria instalada junto a uma base aérea, no Rio, São Paulo, Porto Alegre, Brasília ou Recife, por razões óbvias.

A assessoria inicial poderia ser obtida num Exército com experiência da matéria e a parte de vôo a cargo da FAB que já possui pilotos habilitados.



Como idéia o Esquadrão poderia ter a seguinte organização:

- Cmt e EM (este com 2 oficiais da FAB);
- 1 Pel Reconhecimento;
- 1 Pel Fuzileiros;
- 1 Pel Petrechos;
- 1 Sec Cmdo e Serviço.

Os helicópteros seriam adquiridos pela FAB com verbas comuns a ambas as Forças, numerando, no máximo, 25 veículos, adquiridos nos EUA, França ou Inglaterra.

e — Regime de treinamento

Para o cavalarião, seria a troca da sela de sua montada, ou do assento do carro, pela "sela" do helicóptero, muito mais cômoda.

Anualmente seriam substituídos os Quadros, saindo os elementos preparados e entrando elementos de outras Unidades da Arma, a fim de permitir o treinamento do maior número de oficiais e praças.

### CONCLUSÃO

A transformação de uma idéia nova em realidade, em qualquer Exército, demora de 3 a 10 anos.

Se começarmos hoje a planejar a organização de um novo ramo complexo da Arma de Cavalaria, envolvendo duas Forças Singulares, a obtenção de verbas, a compra do material, a instalação da nova unidade, etc., ela terá autonomia administrativa lá por 1971-72.

Mãos à obra, portanto!